

“Verdades impressas em coisas que restam”



HIRAN

O Centro Cultural Câmara dos Deputados apresenta

“Verdades impressas em coisas que restam”
HIRAN

Organização
Marcia Almeida

agosto 2016



Secretaria de Comunicação Social

S U M Á R I O

Capítulo 1

7 Sobre o artista

8 Exposições do artista

9 Apresentação

10 Reflexões

Capítulo 2 | Imagens | Verdades Impressas em coisas que restam

11 Mobília

12 Esculturas

15 Colagens

17 Telas

Capítulo 3

31 Sobre a arte de rua

32 Da rua para as galerias

32 Uma nova urbanidade

Capítulo 4

33 Atividades do artista na rua

43 Pelo Mundo

46 Atelier do artista e pesquisa

53 Bibliografia

Sobre o artista

Rafael Hiran optou por usar, como identidade artística, apenas o nome HIRAN. Ele é um artista multimídia que mora em Brasília desde 2010. Carioca da Lapa, nasceu em 18 de fevereiro de 1977 no Rio de Janeiro, Brasil, e foi incentivado pela mãe a frequentar cursos de artes desde a infância. No Rio de Janeiro, participou de cursos livres do SENAC e de outras escolas de desenho. Foi assim que desenvolveu técnicas de pintura, desenho livre, caricatura, desenho publicitário, aquarela, desenho da figura humana e desenho artístico — cursos que foram bem significativos para sua carreira atual.

Hiran é sociólogo, formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Também cursou, matriculado na UnB como estudante especial, algumas disciplinas do Mestrado em Artes, como: Sociologia da Arte, História da Arte e Poéticas Contemporâneas. Embora tenha se formado em Sociologia pela UFRJ, a arte sempre o acompanhou. Durante a graduação, costumava desenhar caricaturas dos colegas de sala e dos professores. Foi assim que, em 1998, desenhou um sujeito sorridente que foi usado num painel de um evento religioso. Este desenho foi guardado e, anos depois, quando o artista veio para Brasília, deu o nome de Angatu ao personagem criado. Abro aqui um parêntese para explicar o significado de Angatu. No Tupi-Guarani, Angatu significa alma boa, bem-estar, felicidade. Foi através deste personagem que a arte retornou intensamente, ocupando um lugar privilegiado na vida de HIRAN. Podemos notar a presença de Angatu não somente em diversos lugares da Capital Federal, mas também no Rio de Janeiro, Goiás, São Paulo, Minas Gerais e Santa Catarina. Angatu está presente também em outros países, como Lisboa, Portugal e New York, nos Estados Unidos. Angatu foi apresentado ao mundo em forma de stickers, que é uma espécie de lambe-lambe do personagem, e também em forma de grafite.

Para a criação artística, HIRAN se expressa principalmente através do desenho. Hoje o artista se dedica às intervenções urbanas por meio dos grafites e colagem de lambes. Porém, em suas obras, ele utiliza técnica mista, tais como spray e tinta acrílica, às vezes somente tinta acrílica, e outras vezes utiliza também colagens. Sem dúvida, a formação de HIRAN em Sociologia e em Artes é muito importante para seu processo criativo, visto que ele trabalha com intervenção urbana. Essa formação o auxilia a fazer uma melhor apreciação da sociedade na qual o artista habita, pois suas obras se mesclam com o contexto urbano e, portanto, com as pessoas que vivem na cidade.



Trajetória

Exposições do artista

2014 - “Angatu e Pez, o Poder do Sorriso”. Realizada no Espaço Cultural do Instituto Cervantes de Brasília. Com parceria do artista plástico e grafiteiro espanhol Pez e curadoria de Samira Rabello. Brasília, DF.

2014 - Participação como artista convidado no Morar Mais Brasília, compondo a Brinquedoteca. Brasília, DF.

2014 - “Poltrona Angatu”. *Hall* social feito para o canal GNT. Participação como artista convidado no Morar Mais Brasília. Apresentou o primeiro trabalho como *designer*. Brasília, DF.

2014 - Participou do evento “Caminho do Graffiti”, uma intervenção urbana que reuniu grafiteiros brasileiros e estrangeiros. Rio de Janeiro, RJ.

2015 - Exposição coletiva “Brasília Urbana”, realizada na praça central de eventos do Park Shopping, em comemoração aos 55 anos de Brasília. Brasília, DF.

2015 - Pocket Expo “Angatu”. Realizada no Nossa Cozinha Bistrô. Brasília, DF.

Possui telas expostas na Galeria de Arte Época do Grupo Saccaro. Goiânia, GO.

Possui telas expostas na Galeria Arquetipus. Brasília, DF.

O trabalho do artista se encontra catalogado na Galeria de Arte Urbana de Lisboa. Lisboa, Portugal.

Apresentação

Nesta exposição, **Verdades impressas em coisas que restam**, Rafael Hiran propõe ao observador a relação entre a Arte e a Sustentabilidade. Para isso, as obras foram trabalhadas com diversos tipos de suporte, como madeira, placas de Duratex e Eucatex, pó de madeira, cola, imagens tiradas de encartes de produtos e que estimulam o consumo, MDF, gesso e moldura de madeira restaurada.

Para este trabalho, o que moveu o artista foi a possibilidade de sensibilizar o observador por meio de obras artísticas realizadas com matérias-primas recicláveis. A ideia é convidar o público a refletir sobre as inúmeras coisas que são descartadas no cotidiano e como materiais desprezados podem ser transformados em obras de arte, ou seja, como peças originalmente utilitárias são transfiguradas em objetos não utilitários, que conduzem à apreciação, à reflexão e, portanto, fazem emergir conhecimento sensível.

A exposição também tem como foco apresentar trabalhos mais conceituais propostos por Rafael Hiran. Suas obras conceituais ganharam repercussão por meio de suas intervenções urbanas, feitas com grafite e colagem de lambe-lambe. Nesta exposição o artista se expressa através do que ele chama de “Angatu Grafia”, uma espécie de grafia urbana ilegível. Esta grafia urbana e ilegível desvela sua sensibilização para além do reuso de materiais. Enfim, este trabalho é um convite à reflexão a respeito da utilização consciente dos recursos naturais.

Reflexões

Como **o corpo**, em uma **ação orgânica, atua junto com a obra de arte**? Pois bem, a **percepção**, por meio dos **nossos sentidos**, designa nossa maneira de **tomar consciência** da realidade que nos rodeia. Dessa forma, perceber é, em certo sentido, sentir. Sendo assim, perceber significa também ser sensível, ter um olhar, um ponto de vista sobre alguma coisa. **Através da sensibilidade nos posicionamos no mundo**. Ora, a **arte** é um objeto **material e imaterial** ao mesmo tempo, que aguça a nossa **sensibilidade**. E nesse sentido, **a obra é percebida** por nós, **corporalmente**, com todas as suas **qualidades sensíveis**.

A **experiência estética não é uma atividade passiva** de quem olha. *No ato da fruição* acontecem **numerosas operações criativas** a partir de uma **ligação orgânica** entre a **obra e observador**, pois **percebemos** coisas que estão **além do que é apresentado pela obra artística**. Mesmo porque a **arte oferece** uma **representação subjetiva** da realidade. Primeiramente ela **é concebida** através da maneira pela qual o **artista percebe o mundo**. Em segundo lugar, **ela se dá a ver**, estimulando toda a **inteligência criativa** da **pessoa que a observa**. Dito de outra maneira, **a obra é criada** primeiramente **pelo artista** e depois **pelo observador**. No momento em que este se encontra diante da obra artística, **é tecido um ponto de fusão entre eles**. Através desse **com-tato**, emerge a **potencialidade criativa** de quem olha. A arte age na sensibilidade através da mesma operação que tornou possível o desnudamento do ser sensível, efetivo da subjetividade. Mas como se **efetua a gênese da essência da arte** a partir da **sensibilidade**?

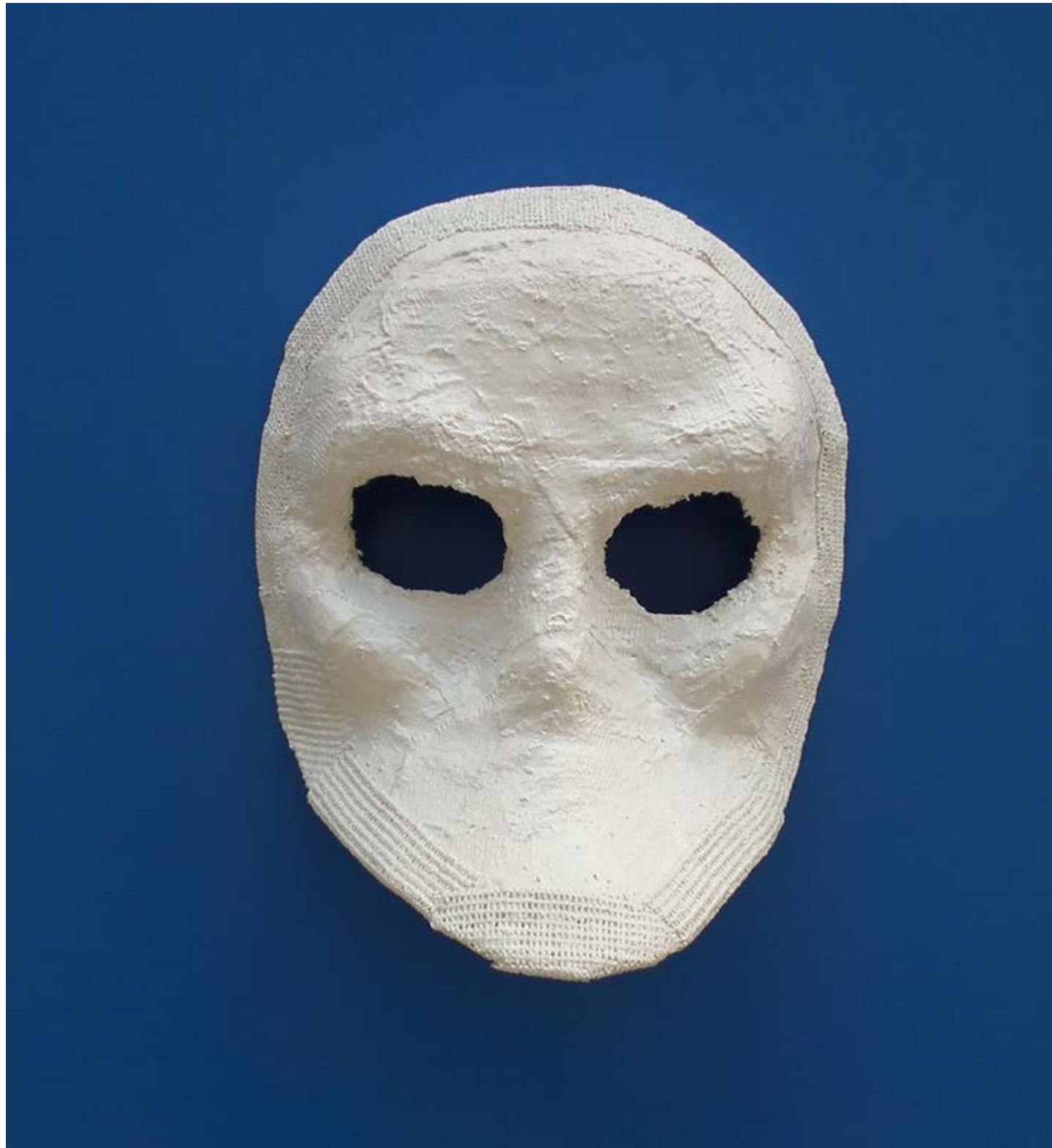
Existe uma forte tendência de supervalorizar a atividade intelectual da experiência estética. No entanto, a **experiência estética** é, principalmente, **uma atividade hedonista**. Isso porque está bastante **ligada às sensações**. E **sentir**, assim como **refletir**, é uma **atividade corporal**. O **corpo interage com a obra de arte**, provocando, quase sempre, **sensações prazerosas**. É a partir **dessas sensações** que se **desvelam as reflexões**. Mas as **sensações prazerosas** são normalmente **negadas**, dando destaque maior às ações intelectuais. Isso acontece pelo simples fato de que **o corpo** é, de certa forma, **relegado a um segundo plano** pelas sociedades **judaico-cristãs**. Mas **o corpo** tem um papel eminente, **agente ativo da experiência e criatividade**. Sendo assim, haveremos de reconhecer que a **experiência artística e estética emancipa o corpo**, e não mais **o subjuga à ideia**. Mesmo porque **a reflexão emerge da experiência orgânica**, estabelecida entre a relação do **corpo** com a **obra de arte**.

Apresento a seguir as obras de Rafael Hiran. Minha escolha é deixar a pessoa fruir livremente para florescer a criatividade emergente do com-tato com as obras, sem guiá-las com meus comentários.

Professora Dra. Marcia Almeida



Poltrona Angatu
Suporte feito com paletes revestidos de selante de madeira e tinta *spray*, estofamento feito com tecido de tela, enchimento de espuma e fibras sintéticas.
120cm x 120cm
2014
Acervo particular



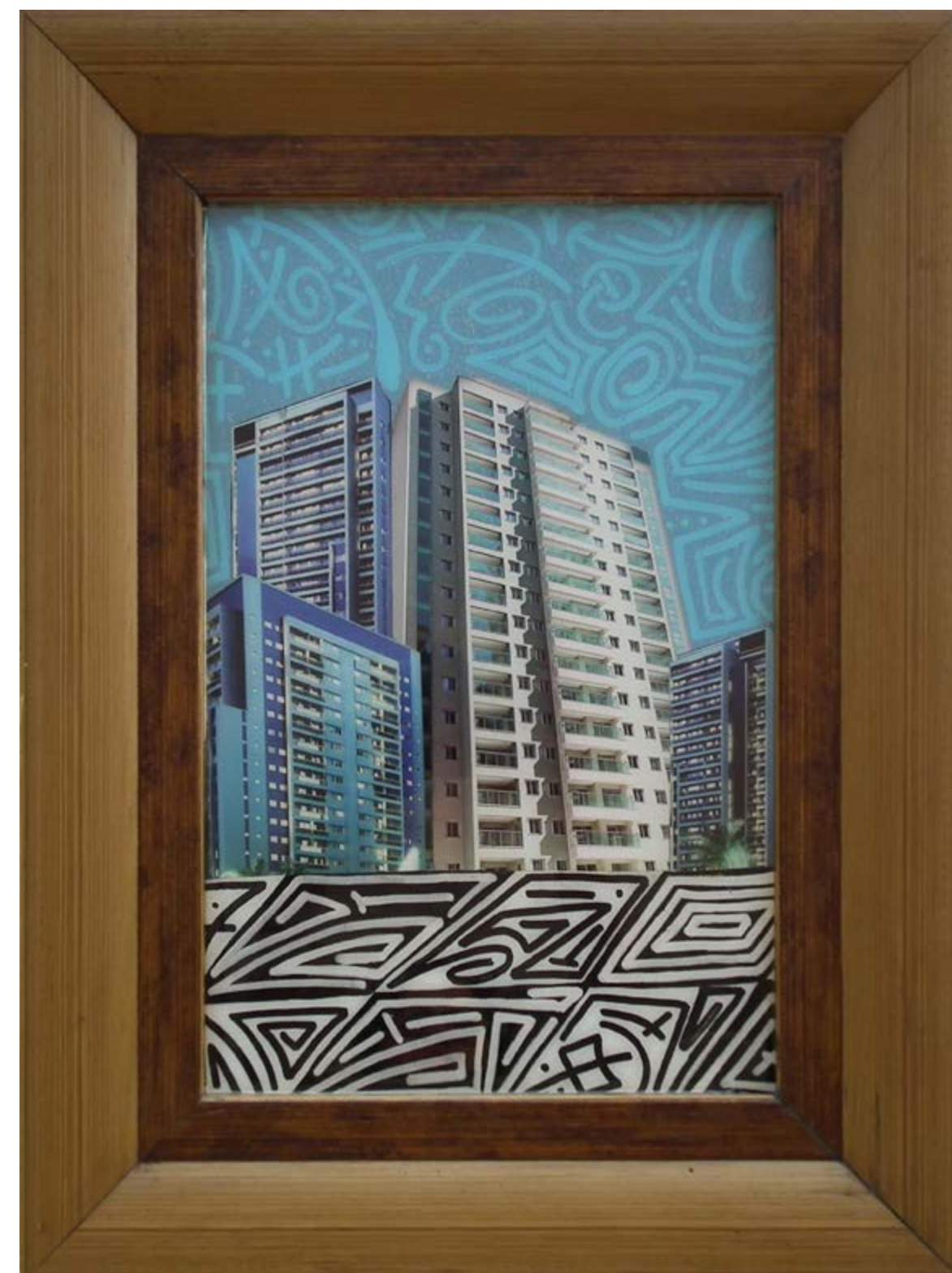
Faceta
Acrílica, *spray*, marcadores, gesso e cola sobre MDF
54cm x 47cm
2015



Angatu Grafia sobre máscara
Acrílica, *spray*, marcadores, gesso e cola sobre MDF
54cm x 47cm
2015



Transformando a dor em alegria
Escultura Bota de gesso
Acrílica, spray e marcadores sobre gesso
50cm x 20cm
2015
Acervo particular: Vanessa Paulinelli



Gentrificação anunciada
Marcadores, colagens e acrílica e resina sobre duratex com moldura restaurada
39,5cm x 29,5cm
2016



Sem título
 Marcadores, colagens, *spray* e resina sobre duratex com moldura restaurada
 42cm x 39cm
 2016



Olhares dourados
 Óleo sobre fibra de bananeira no papel cartão branco,
 moldura branca com vidro anti reflexo
 55cm x 75cm
 2014
 Acervo particular: Marcia Almeida



Resistência
Fotografia com paspatur na moldura restaurada
15cm x 15cm
2015



O botão
Marcadores, *spray* e acrílica sobre duratex com moldura restaurada
42cm x 32cm
2015
Acervo particular: Saint Clair



AngatuGrafia Vermelha
Acrílica, *spray* e marcadores sobre duratex
20cm x 30cm
2015



Sem título
Spray e acrílica sobre tela esticada em madeira tratada e reaproveitada
39cm x 47cm
2015



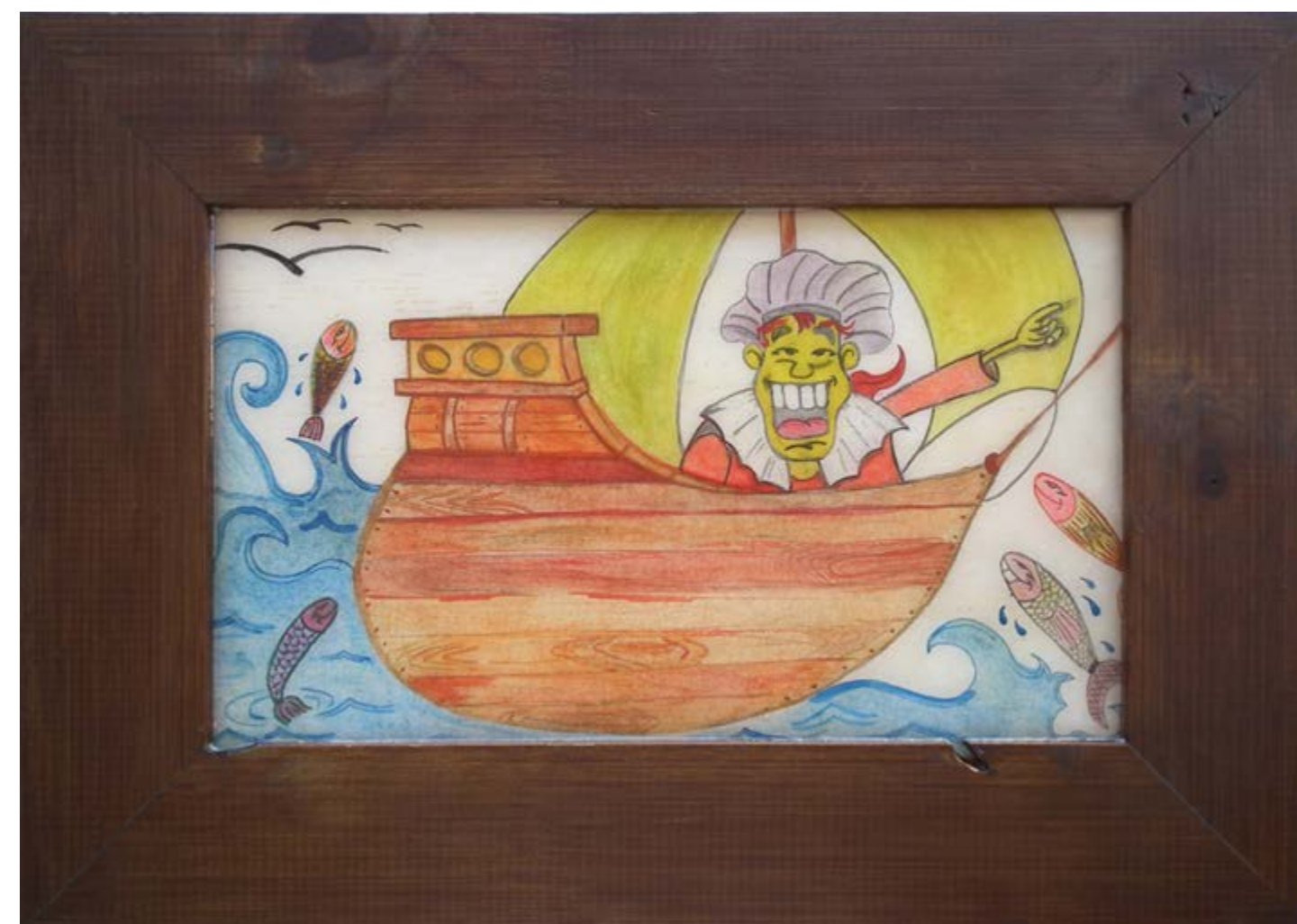
Prelúdio de um horizonte
Acrílica, *spray*, pó de madeira e cola sobre MDF
50cm x 50cm
2015



Poslúdio de um horizonte
Acrílica, *spray*, pó de madeira e cola sobre MDF
50cm x 50cm
2015



Sem título
Spray e acrílica sobre MDF
50cm x 50cm
2015



Aventura Além Mar
Lápis de cera, lápis de cor, aquarela e acrílica sobre placa de duratex com moldura restaurada
32cm x 45cm
2015



Angatu Cara de Pau 1

Acrílica e *spray* sobre placa de duratex sobre gaveta de madeira maciça restaurada
28cm x 20cm
2015
Acervo particular: Luzia Cavalcante



De Fora pra Dentro

Acrílica, lápis e *spray* sobre duratex com paspatur com moldura restaurada
34cm x 43cm
2016



Sem título
Acrílica, lápis, *spray* e resina sobre duratex com moldura restaurada
39cm x 41cm
2016



Tagueando
Marcador preto, acrílica e resina sobre duratex com moldura restaurada
35cm x 45cm
2016

Sobre a arte de rua

Vandalismo para uns, expressão digna de se apresentar em museus para outros, a arte urbana sempre foi marcada pela ambivalência. Impulsionada por um punhado de artistas conceituais ou rebeldes que romperam com a instituição e o mercado, eles se afirmaram igualmente com a busca de reconhecimento dos marginalizados. Irreverentes, nem sempre evitam o mercantilismo como também as sirenes de ordem pública. Mas antes de avançar, quero sublinhar que, ao me referir à arte urbana, estou me reportando às artes que acontecem em ambientes públicos.

Certos artistas de rua percebem simplesmente o meio ambiente como uma vasta e virgem tela das mais inspiradoras. Por outro lado, outros artistas são simplesmente motivados pelo risco encontrado no momento em que estão trabalhando ilegalmente em um determinado lugar.

Hoje em dia, mais conhecida do público, a arte urbana é observada em todas as partes do planeta. A arte urbana pulveriza o universo visual das grandes cidades. Encontra-se em muros, paredes, calçadas, ruas, nos parques e mesmo sobre os monumentos. Ainda que a arte urbana não seja legalizada, seu valor artístico é incontestável e cada vez mais solicitado. São diversas as formas de expressão e quase sempre controversas, apesar de a história já registrar mais de cinquenta anos.

Trata-se de um movimento artístico que apareceu em meados do Século XX, reagrupando todas as obras situadas nas ruas ou lugares públicos. Esta forma efêmera de arte nasceu na ilegalidade, pois, na maioria das vezes, não se autoriza a pintura em muros públicos. E efêmera, pois há uma interação direta com o meio onde foi inserida. Ou seja, ocorre a ação do tempo, a intervenção de outros artistas, ou mesmo cartazes publicitários que são colados sobre a arte, fazendo que a obra não seja duradoura. São diversas as técnicas empregadas: *grafitti*, colagens, aerossol, pintura. Visto como um delito quando manifesto nas ruas, é celebrado nas galerias de arte e museus.

Originalmente, a rua

A década de 1950 viu o surgimento de uma nova realidade com os artistas que ocuparam as ruas fazendo delas os seus ateliês. Reunidos em torno da ideia de “reciclagem poética de bens urbanos”, teorizado por Pierre Restany, eles incorporaram elementos do ambiente urbano e industrial em suas obras.

Já a década de 1960 marcou o nascimento da arte urbana no seu sentido mais amplo. Nos EUA, a democratização do aerossol transformou as cidades de Nova York e Filadélfia em um *playground* onde os artistas Taki 183 e também Tracy 168 se fizeram conhecer ao público através do seu pseudônimo inscrito em diversos locais das cidades. A assinatura passou, então, a ser reconhecida como a marca de um território egocentrado.

Na França, os eventos de maio de 1968 forneceram um contexto para uma expressão transgressora e provocativa. As mensagens eram de conteúdos políticos, culturais e sociais. Sem perder a poesia, as manifestações tinham como objetivo a contestação.

No Brasil, a arte urbana surgiu na década de 70, período um tanto quanto perturbador da história do País, em que vivíamos a ditadura militar. Neste período apareceram os grafites, incorporados às paredes da cidade de São Paulo. Os grafiteiros ou pichadores apresentaram suas obras nas paredes das ruas, túneis, nos prédios das cidades. A ideia era de cunho político, cultural, humanitário e artístico. Também na periferia, as crianças tinham como ideal serem reconhecidas em grupos fechados.



Sem título
Acrílica sobre duratex com moldura restaurada
30cm x 30cm
2016
Acervo particular: Monica Teixeira Carneiro

Da rua para as galerias

Em plena mutação econômica e social dos Estados Unidos, marcada pela Guerra do Vietnã-América, nasceu e cresceu, significativamente, a cultura Hip Hop durante a era Reagan. Na década de 1970, New York aparece como um polo urbano de energia criativa, onde emergiram artistas grafiteiros tal como Keith Haring, Jean-Michel Basquiat, Kenny Scharf ou ainda Futura 2.000.

Impregnada da cultura do Hip Hop, Keith Haring, com um giz branco na mão, percorreu e semeou seus personagens em espaços vazios, destinados a publicidades no metrô de Nova York. Mais de 5.000 peças efêmeras, desenhadas no metrô, sem assinatura, contribuíram para a sua popularidade e reconhecimento. Por meio de uma linguagem simples e colorida, o trabalho do artista traduz sua luta contra os problemas da sociedade: religião, consumo de massa e os danos ambientais causados pela atividade humana.

Nos fins dos anos de 1970, Jean-Michel Basquiat, sob o pseudônimo Samo© (“Same Old Shit”), apropriou-se do espaço público nos bairros de Harlem e Soho para difundir seu trabalho. No entanto, a partir de 1980, as galerias e grandes eventos da arte contemporânea se abriram progressivamente para a cena underground, e o grafitti adquiriu suas credenciais como uma disciplina estética. E em 1983, Basquiat passou a ser o primeiro artista negro a expor na bienal do Whitney Museum of American Art, em Nova York. Ao substituir o muro pela tela, a fim de apresentar as obras nas galerias de arte, Basquiat contribuiu para elevar o status da arte de rua para arte de galeria, já que sempre fora marginalizada e considerada como algo poluente e não artístico.

A arte urbana sempre teve o seu caráter marginal. Primeiro por ter um conteúdo revelador de uma sociedade que não valoriza a expressão artística. Em segundo lugar por causa dos seus argumentos quase sempre críticos, políticos e sociais. Além do que a arte urbana não pede licença para ser apresentada. É feita nos muros para que todo e qualquer cidadão possa lhe ter contato.

Podemos dizer que muito recentemente a arte urbana adentrou nas galerias. Mas mesmo assim, continua sendo marginalizada. Banksy é uma referência para esta linha artística, que mantém sua identidade desconhecida e suas obras espalhadas pelas principais cidades do mundo.

Banksy contribuiu largamente para a popularização da arte urbana, ao ponto de se tornar uma figura de ponta. Nem completamente no mercado, nem completamente fora, Banksy é inquebrável e não identificável. Tanto para os códigos que regem a sociedade quanto para o mercado de arte, ele conseguiu instaurar e impor suas próprias regras no jogo que ele mesmo controla perfeitamente. Rejeita o apoio das galerias e criou um serviço de autenticação chamado Pest Control Office, única estrutura habilitada a vender suas obras.

Uma nova urbanidade

Oriunda de uma marginalidade imposta pelo mundo das artes, a arte urbana caminha para a institucionalização e vem se tornando mais burguesa. A visão romântica da arte urbana, como uma expressão artística que cresceu fora do campo especulativo do mercado das artes, já foi pervertido. Com o apoio da mundialização e as novas tecnologias, a arte urbana toma o mesmo caminho do mercado da arte contemporânea, para assim repetir os mesmos esquemas.

De uma parte, a internet apareceu como forte vetor de visibilidade. Fotografar e compartilhar as imagens nos grupos sociais dá uma nova dimensão ao tempo. De outra parte, os atores do mercado da arte colocam a arte urbana na direção a que ela mesma se opôs: o caminho das normas.

Se a efervescência que toca o mercado da arte urbana apresenta um certo interesse, resta ainda definir suas linhas e numerosas interrogações subsistentes, como seu plano moral e jurídico. A moral tornou-se duvidosa quando as obras de Banksy e Invader foram retiradas dos espaços públicos para reaparecerem em catálogos a fim de serem vendidas aos interessados. Uma diligência certamente lícita, mas igualmente um desafio da estrutura da obra e o meio público, base da arte urbana.

A noção de arte urbana se torna complexa com o surgimento, em suas fileiras, de artistas com formação em artes visuais. A arte urbana passa por transformações; poeticamente, das cinzas surge uma nova “Arte Contemporânea Urbana”, que evoca uma nova urbanidade, uma mutação da sociedade.

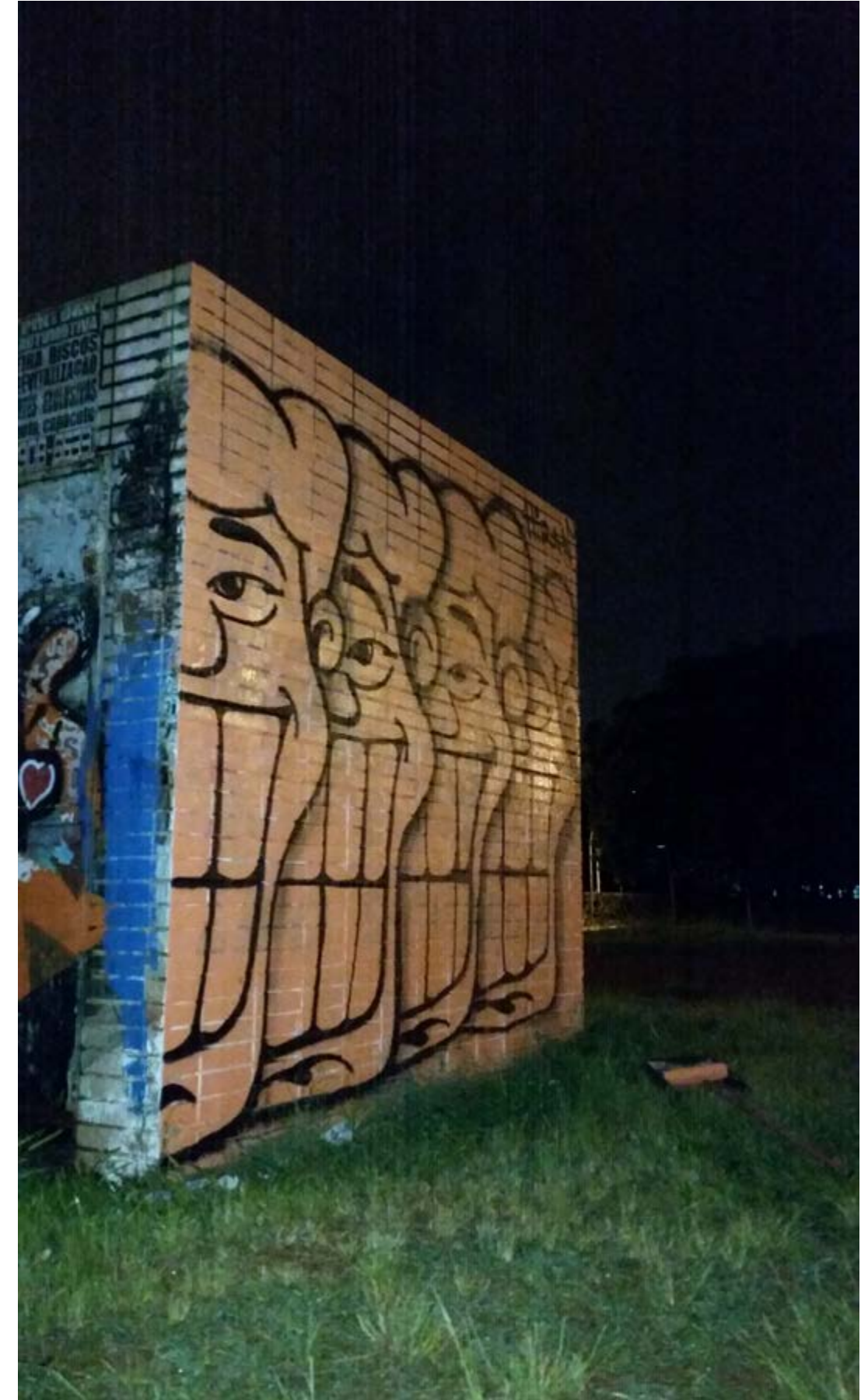
Nas próximas páginas apresento algumas manifestações de Rafael Hiran na rua e como ele manifesta o personagem que é marca de seus trabalhos.

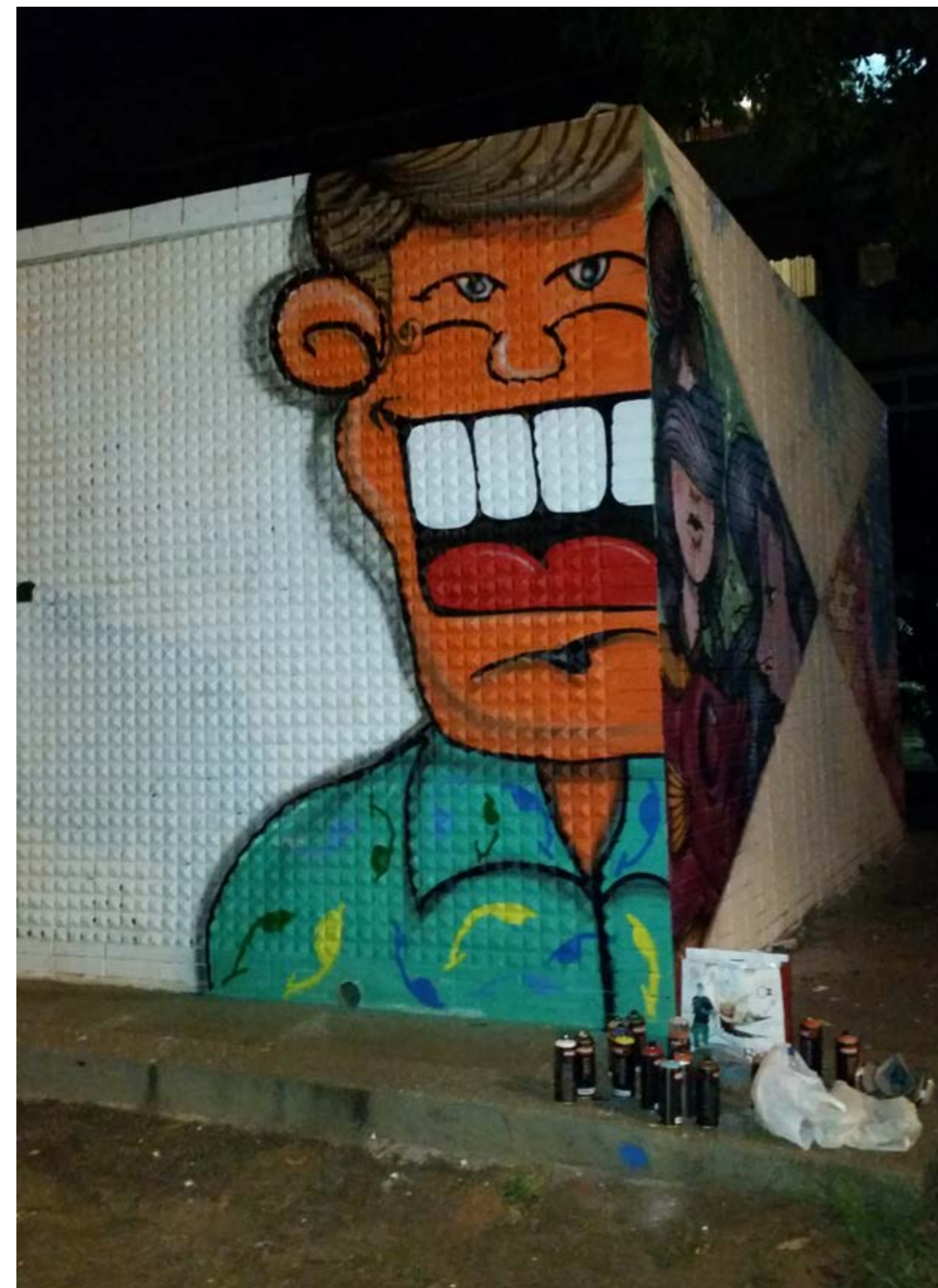


Angatu cabeça de vento



914 Sul





Angatu 409



Angatu peixe





Regência,
Espírito Santo



Rio de Janeiro



Machu Piccho, Peru





Cuzco, Peru



Nova York



Lisboa





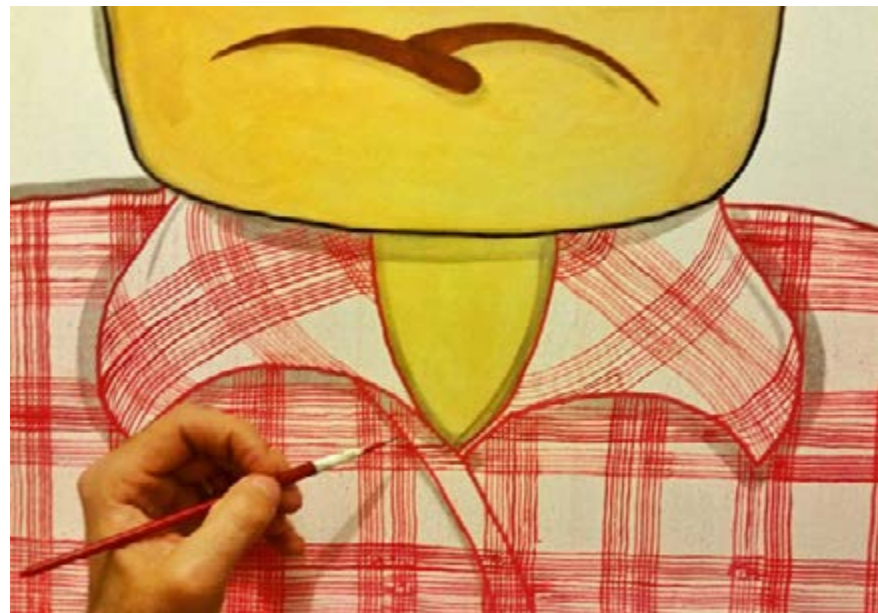


Rafael Hiran

Sociólogo formado pela UFRJ / IFCS - Universidade Federal do Rio de Janeiro / Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Bacharel em Teologia, formado pelo STBSB- Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, no Rio de Janeiro. Coursou, como aluno especial na UnB, algumas matérias do Mestrado em Artes, como: Sociologia da Arte, História da Arte e Poéticas Contemporâneas. Pós-graduado em Segurança Pública pela UDF- Universidade do Distrito Federal. Coursou, desde muito jovem, vários cursos livres de desenho e pintura.

Marcia Almeida

Pesquisadora pós-doutoral na Universidade de Brasília (UnB). Possui Pós-Doutorado em Dança na Universidade do Québec em Montréal (UQAM). PhD em Estética e Ciência das Artes (Filosofia da Arte) pela Universidade Panthéon Sorbonne Paris 1. Possui Master em Estética e Ciência das Artes (Filosofia da Arte) pela Universidade Panthéon Sorbonne Paris 1; Mestrado em Artes/Dança pela Universidade de Brasília; Licenciatura em Educação Física pela Universidade de Brasília; Bacharelado em Dança pela Universidade Panthéon Sorbonne Paris 4. É sócia efetiva da ABRACE (Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas). Integra o Banco de Avaliadores do INEP para Cursos de Graduação e IES. Tem artigos publicados em revistas científicas. Interessa-se pelos afetos plásticos do corpo visto na Arte Coreográfica/Dança Contemporânea e o conhecimento sensível que emerge da Arte. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Arte Coreográfica. Atua principalmente nos seguintes temas: Pesquisa em Arte Coreográfica/Dança Contemporânea, Composição Coreográfica, Autonomia do Corpo Expressivo, Plasticidade Corporal, Conhecimento Sensível, Acuidade Corporal, Teoria e Crítica da Arte Coreográfica, Estética (Filosofia da Arte/Dança). Curadora desta exposição.



Bibliografia

ALMEIDA, Marcia. The sensitive knowledge of dance. In: Tecnoetic Arts, Volume 13, Numbers 1-2, June 2015, pp. 45-55(11), 2015.

LEMOINE, Stéphanie. L'art urbain. Du graffiti au street art. Collection Découvertes Gallimard (n° 584), Série Arts, Gallimard, 2012

KOZSILOVICS, Vincent. Le Street-art est mort, place à l'art urbain contemporain ! in: Observatoire de l'art contemporain- Plate-forme de décryptage, d'analyse & de prospective. http://observatoire-art-contemporain.com/revue_decryptage/analyse_a_decoder.php?id=20120555. Visto en 10/062016.



Câmara dos Deputados	Coordenação do Projeto Secretaria de Comunicação Social Centro Cultural Câmara dos Deputados
Mesa Diretora da Câmara dos Deputados	Secretário de Comunicação Social José Priante (PMDB/PA)
Presidente Rodrigo Maia (DEM/RJ)	Diretor Executivo de Comunicação Social Silverio Aureliano De Mello Rios
1º Vice-Presidente Waldir Maranhão (PP/MA)	Diretor do Centro Cultural Wesley Vasconcelos
2º Vice-Presidente Giacobo (PR/PR)	Coordenador do Núcleo de História, Arte e Cultura Goya Oliveira
1º Secretário Beto Mansur (PRB/SP)	Curadoria Marcia Almeida
2º Secretário Felipe Bornier (PSD/RJ)	Produção Fabíola Ferigato
3º Secretário Mara Gabrilli (PSDB/SP)	Assessoria de Imprensa C. André Laquintinie
4º Secretário Alex Canziani (PTB/PR)	Montagem e Manutenção da Exposição André Ventorim Edson Caetano Paulo Titula Victor Paiva Wendel Fontenele
Suplentes Mandetta (DEM/MS) Gilberto Nascimento (PSC/SP) Luiza Erundina (PSB/SP) Ricardo Izar (PSD/SP)	Revisão Maria Amélia Elói
Procurador Parlamentar Claudio Cajado (DEM/BA)	Projeto Gráfico Marcia Almeida Ely Borges
Corregedor Parlamentar Carlos Manato (SD/ES)	Coordenador do Núcleo de Museu Marcelo Sá de Sousa
Diretor-Geral Lucio Henrique Xavier Lopes	Museóloga Luciana Scanapieco
Secretário-Geral da Mesa Wagner Soares Padilha	Conservação e Restauração Seção de Conservação e Restauração – Cobec/Cedi
	Material Gráfico Coordenação de Serviços Gráficos – CGRAF/DEAPA
	Fotografia Lorena Morett Mateus Bonomi Rafael Hiran
	Apoio VeGan-se: Gastronomia 100% vegetal

Contato do artista
HIRAN
(061) 9 8250-8021
rafaelhiran@gmail.com

Informações: 0800 619 619 – cultural@camara.leg.br
Palácio do Congresso Nacional – Câmara dos Deputados
Anexo 1 – Sala 1601 – CEP 70.160-900 – Brasília/DF
<http://www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/centro-cultural>

Brasília, agosto de 2016.





Secretaria de Comunicação Social
Centro Cultural